

AS RELAÇÕES DE *PODER* E DE *SOLIDARIEDADE* NA SOCIEDADE CARIOCA DOS SÉCULOS XVIII E XIX

Márcia Cristina de Brito Rumeu*

Resumo: Neste artigo, busca-se discutir a produtividade de formas pronominais e nominais de tratamento e os tipos de relações sociais travadas entre remetente e destinatário em missivas setecentistas e oitocentistas. O foco deste estudo são os tipos de relações sociais que parecem condicionar a frequência de uso de estratégias pronominais e nominais de tratamento em cartas manuscritas no Brasil colonial e imperial à luz da *Teoria do Poder e da Solidariedade* pensada por Brown e Gilman (1960).

Palavras-chave: formas pronominais e nominais de tratamento; relações sociais simétricas e assimétricas; missivas setecentistas e oitocentistas.

INTRODUÇÃO

■ **A** *Teoria do Poder e da Solidariedade*, concebida por Brown e Gilman (1960), permite discutir o tipo de relação social que subjaz ao uso de uma dada forma pronominal ou forma nominal de tratamento. Neste trabalho, busca-se vislumbrar, com base na análise das estratégias pronominais e nominais de tratamento empregadas em *cartas setecentistas* e *oitocentistas*, as imagens sociais (voltadas para o *Poder* ou para a *Solidariedade*) que permeiam as interações comunicativas na sociedade carioca dos séculos XVIII e XIX.

OS CORPORA

O objetivo da edição de *corpora* confiáveis ao estudo da configuração da norma brasileira do português, atentando para o resgate da história da língua

* Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

portuguesa *no* Brasil dos séculos XVIII e XIX, constitui o fator motivador da investigação linguística de Rumeu (2004). Barbosa (1999, p. 14), ao afirmar que “ao estudo da sociedade americana falante do Português enquadra-se a questão do Português *do* Brasil, ao passo que, ao estudo da língua da comunidade europeia, corresponde a questão do Português *no* Brasil”, permite admitir que a discussão acerca do português *no* Brasil pode se dar tanto em sentido restrito quanto em sentido lato. Em sentido lato, a noção de português *no* Brasil é determinada pelo aspecto geográfico, ou seja, privilegia-se a busca por textos produzidos no território brasileiro sem distinção da origem do redator, em virtude da não obtenção de informações precisas acerca da nacionalidade de todos os autores dos textos. Em sentido restrito, a língua portuguesa *no* Brasil é reflexo da produção escrita de portugueses que residiam no Brasil em convivência com *lusófonos (brasileiros)* na América Portuguesa. Como não foi possível detectar a nacionalidade de todos os autores das *cartas setecentistas e oitocentistas* que representam os *corpora* em discussão neste trabalho, concebe-se também o critério geográfico como fator determinante para que se entenda que tais cartas parecem refletir o português escrito *no* Brasil não só por portugueses, como também por brasileiros. Trata-se de *sessenta* cartas (cartas *autógrafas e cópias de época*) produzidas no contexto sócio-histórico carioca da segunda metade do século XVIII e do século XIX, perfazendo um total de *sessenta* cartas produzidas no Rio de Janeiro – *quinze cartas oficiais e quinze não oficiais* da segunda metade do século XVIII; *quinze cartas oficiais e quinze não oficiais* do século XIX.

Durante o processo de composição das amostras de *cartas manuscritas diplomático-interpretativamente* editadas com seus respectivos *fac-símiles* (RUMEU, 2004), “saltaram aos olhos” as diferentes formas pronominais e nominais de tratamento e, em particular, atentou-se para as relações sociais que as embasaram. Concorde-se com Faraco (1996, p. 51), ao admitir que “as formas de tratamento de interlocutor nas diferentes línguas naturais têm interessado particularmente aos antropólogos e aos lingüistas”. Enquanto para aqueles é possível, por meio da análise das formas de tratamento, depreender a organização social e a cultura de uma dada comunidade linguística, para esses é possível analisar as estratégias linguísticas usuais para evocar o interlocutor e as suas consequências na reorganização do sistema de tratamento de base nominal e pronominal da língua portuguesa *no* Brasil.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As formas pronominais e nominais de tratamento e a teoria do Poder e da Solidariedade

Brown e Gilman (1960), no texto *The pronouns of power and solidarity*, admitem que traços da organização social de uma dada comunidade linguística podem se deixar transparecer pelo uso efetivo da língua. Assim sendo, a *Teoria do poder e da solidariedade* é pensada por Brown e Gilman (1960) a partir das relações sociais que transparecem no emprego de certas formas pronominais. A semântica do *Poder* se manifesta nas relações interpessoais por meio do uso

assimétrico e não recíproco do *Vous*¹. Em relações sociais assimétricas, o interlocutor superior se dirige ao seu interlocutor hierarquicamente inferior por *Tu* e é tratado por *Vous*. A semântica da *Solidariedade* se expressa pelo uso de formas de tratamento que indiquem simetria, reciprocidade entre os interlocutores. O uso recíproco do pronome *Tu* é o que caracteriza esse tipo de relação interpessoal distensa. No entanto, é possível observar-se o uso recíproco da forma de tratamento *Vous* entre os interlocutores, o que permite entender o relacionamento entre iguais (*classe alta*) como um relacionamento movido pela *Solidariedade*.

Consoante Brown e Gilman (1960), inicialmente, a diferença entre *Tu* e *Vós* era estabelecida em latim pela oposição entre singular e plural. No século IV, o pronome *Vós* passa a funcionar, a partir da reforma de Diocleciano, como estratégia de tratamento para fazer referência a uma única pessoa que fosse uma personalidade real, como é o caso dos imperadores de Roma e de Constantinopla. A escolha do *Vós* como forma de tratamento se deu a partir da noção de pluralidade implícita que evidenciava metaforicamente as relações de *Poder* na sociedade.

Wardhaugh (1997) reinterpreta a *Teoria do poder e da solidariedade* em algumas sociedades contemporâneas. Segundo o autor, a evolução do sistema conceptual *Tu/Vous* se direciona do assimétrico *Tu/Vous* para o polido e simétrico *Vous/Vous* e para o mútuo e simétrico *Tu/Tu* em virtude da relevância da *Solidariedade* nas sociedades em geral. O autor admite que a semântica do *Poder* aponta para o uso do *Tu/Vous* e que a mudança para o simétrico *Tu/Tu* solidário, semântica da *Solidariedade*, é uma transformação linguística recente. Conforme a perspectiva de análise do autor, o simétrico *Tu/Tu* se dá quando as classes baixas ou as classes altas querem se evidenciar democráticas, como ocorreu na França com a Revolução Francesa. As sociedades modernas assumem diferentes formas de engendrar as dinâmicas do *Poder* e da *Solidariedade* a partir da distinção entre as formas *Tu/Vous*, já que as relações sociais não só se movimentam a favor da *Solidariedade*, mas também se manifestam movidas pelo *Poder*. Com base nessa reinterpretação da *Teoria do poder e da solidariedade* para sociedades contemporâneas, defende-se a pertinência da *Teoria do poder e da solidariedade* para a análise do emprego das estratégias de referência à segunda pessoa do discurso, em termos das relações simétricas e assimétricas ascendentes e descendentes, ainda que não se possa perder de vista a complexidade das relações humanas em um dado contexto histórico-social.

METODOLOGIA

A exposição dos resultados quantitativos e qualitativos das formas nominais de tratamento e das formas pronominais levantadas nos *corpora* desta investigação dar-se-á em termos de frequência de uso. Foram correlacionados estatisticamente os seguintes grupos de fatores extralinguísticos: a distribuição temporal (século XVIII *versus* século XIX), o tipo de texto (cartas oficiais *versus* cartas não oficiais) e as relações sociais estabelecidas entre o remetente e o destinatário das missivas, adotando-se a perspectiva teórica de Brown e Gilman (1960). Os dados foram quantificados e submetidos ao programa estatístico com-

¹ Os autores optem *Tu* a *Vous* utilizando o francês como referência, embora as línguas humanas tenham soluções distintas para o estabelecimento das relações de *Poder* e *Solidariedade* (formas nominais de tratamento cortês, formas pronominais etc.). Entenda-se, pois, *Vous* como forma de distanciamento, polidez e/ou cortesia, *Poder* e o *Tu* como forma de intimidade, *Solidariedade*.

putacional *Makecell* inserido no pacote de programas Goldvarb para o cálculo das frequências brutas.

ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER E DE SOLIDARIEDADE EM CARTAS SETECENTISTAS E OITOCENTISTAS

As histórias das línguas, como objetos disponíveis ou criados pelos linguistas, são, segundo Lass (1997, p. 5), como todas as histórias, mitos. Mito no sentido de, por um lado, haver registros de fatos em documentos das várias fases da nossa história, conseqüentemente, da língua que supostamente refletem, mas, por outro, de não haver condições de saber exatamente o que significam a não ser indiretamente, por meio de uma interpretação (CALLOU, 2002, p. 282).

Ponderando sobre as considerações tecidas por Lass (apud CALLOU, 2002) acerca do processo de reconstituição da história das línguas humanas, justifica-se que, quando se tenta interpretar as relações sociais supostamente estabelecidas entre remetente e destinatário das cartas em análise, com base na *Teoria do poder e da solidariedade*, esteja-se fornecendo indícios para a reconstituição da história da língua portuguesa disseminada por *terras d'aquém-mar*.

Conforme anunciado nos pressupostos teóricos, adotou-se a proposta de Brown e Gilman (1960) sobre a *Teoria do poder e da solidariedade*. Pretende-se identificar como certos traços linguísticos deixam transparecer se as relações sociais evidenciam opressão ou solidariedade. Adotou-se a tipologia pensada por Lopes (2004) a partir das seguintes relações sociais: 1. de inferior para superior (*assimétrica ascendente*); 2. de superior para inferior (*assimétrica descendente*); 3. entre membros de um mesmo grupo social – classes altas – (*simétricas*). A Tabela 1 apresenta o confronto entre os tipos de relações sociais com as frequências de uso das formas nominais e pronominais de tratamento recorrentes nas *cartas setecentistas e oitocentistas* em análise.

Rumeu (2001, p. 18) discute que “o exercício do poder conduz a uma assimetria nas relações interpessoais que, por sua vez, acarreta uma assimetria no tratamento entre os falantes”. A partir da análise da Tabela 1, verifica-se uma mudança de comportamento quanto ao emprego de *Vossa Excelência* do século XVIII para o XIX. No século XVIII, observou-se maior produtividade de uso nas *relações sociais de inferior para superior (assimétrica ascendente)* com 138 ocorrências – 71% –, já no século XIX, houve predomínio do emprego de *Vossa Excelência* nas *relações sociais entre membros de um mesmo grupo social (simétrica)* com 28 ocorrências – 61%.

No século XVIII, a maior parte das ocorrências de *Vossa Mercê* (31 dados – 63%) foi identificada em duas cartas não oficiais trocadas entre pessoas pertencentes a um mesmo grupo social (*relações sociais simétricas*), como se observa de (01) a (04).

1. “[...] Tenho Recebido trezCartazde Vossamercê depois dasuapartida, não me tendo sido possível escrever-lhe; tenho pedido aos meos Ajudantes das ordêns, eatodas aspeessoaz daminha familia hajão desegurar a Vossa mercê aminha amizade eoquanto tenhosentido queVossa mercê tenha tido tantoz detrimenoz nasua Saude [...]” (CARTA..., 1772).

Tabela 1 – As formas pronominais e nominais de tratamento e as relações sociais em cartas setecentistas e oitocentistas

Tipos de relações sociais perceptíveis em cartas manuscritas no Rio de Janeiro Colonial (século XVIII)		Formas pronominais e nominais de tratamento						Totais	
		Vossa Excelência	Vossa Mercê	Senhor	Você	Tu			
Assim	Relações Sociais de Inferior para Superior	138/195 (71%)	-	11/34 (32%)	-	01/12 (08%)	150/371 (40%)	256/371 (69%)	
	Relações Sociais de Superior para Inferior	-	18/49 (37%)	12/34 (35%)	76/81 (94%)	-	106/371 (29%)		
sim	Relações Sociais entre Membros de um Mesmo Grupo Social (Classe Alta)	57/195 (29%)	31/49 (63%)	12/34 (32%)	05/81 (6%)	11/12 (92%)	115/371 (31%)		
	Totais	195/371 (53%)	49/371 (13%)	34/371 (09%)	81/371 (22%)	12/371 (03%)	371/371 (100%)		

(continua)

Tabela 1 – As formas pronominais e nominais de tratamento e as relações sociais em cartas setecentistas e oitocentistas (conclusão)

Tipos de relações sociais	Tipos de relações sociais perceptíveis em cartas manuscritas no Rio De Janeiro Imperial (século XIX)										Totais	
	Formas pronominais e nominais de tratamento											
	Vossa Excelência	Vossa Mercê	Senhor	Vossa Senhoria	Vossa Majestade	Você	Tu	Vós				
Relações Sociais de Inferior para Superior (Assimetria)	18/46 (39%)	-	11/23 (48%)	22/41 (54%)	06/06 (100%)	-	-	-			57/180 (32%)	
Relações Sociais entre Membros de um Mesmo Grupo Social (Classe Alta) (Simetria)	28/46 (61%)	27/27 (100%)	12/23 (52%)	19/41 (46%)	-	18/18 (100%)	13/13 (100%)	06/06 (100%)			123/180 (68%)	
Totais	46/180 (26%)	27/180 (15%)	23/180 (13%)	41/180 (22%)	06/180 (03%)	18/180 (10%)	13/180 (07%)	06/180 (07%)			180/180 (100%)	

2. “[...] Vossamercê tem sempre muito certa a minha vontade para em tudo lhe dar gosto. [...]” (CARTA..., 1772).
3. “[...] Eusou avossamercê devedor de varias respostas, talvez confiando do favor que Vossa mercê me faz, e de ter procurado mostrar lhe quanto me tem sido possível a minha sincera amizade e que por estes motivos Vossa mercê houvesse de discupar esta minha falta de promptualidade [...]” (CARTA..., 1773a).
4. “[...] Ao Conselheiro, e Thezoureiro Mor Joaquim Ignácio da Cruz escrevo largamente sobre esta matéria, o que creyo elle comonizará a Vossa mercê [...]” (CARTA..., 1773a).

As outras 18 ocorrências de *Vossa Mercê* se deram em um tipo de relação assimétrica e foram expressas por meio de uma única carta oficial redigida pelo *Marquês do Lavradio* para o capitão engenheiro *Francisco João Roscio*, determinando-lhe ordens em relação às obras no Continente do Rio Grande, como é possível observar em (05) e (06).

5. “Coma chegada da Curveta Conceição vinda da Ilha de Santa Catharina Receby a Carta de Vossa mercê dandome a certeza de terem feito felizmente a sua viagem, sem embargo de serem demorados nella mais alguns dias dos que aqui se sopunhão [...]” (CARTA..., 1774a).
6. “A grande Confiança, que faço do prestimo de Vossa mercê, o muito que me esperanceyo que os seus trabalhos sejam de muita utilidade ao Estado, o grande perigo, em que considero presentemente o Continente do Rio Grande fazendose aly presentemente summamente preciso hum Engenheiro habil, que tenha zelo pelo Serviço, e pela Patria, me fazem indispensavel haja de ordenar a Vossa mercê, pase emediatemente aquelle Continente para nelle fazer dirigir as obras [...]” (CARTA..., 1774a).

O fato de *Vossa Mercê* apresentar-se para estabelecer assimetria descendente pode sugerir a perda do caráter de cortesia peculiar ao seu emprego, segundo Santos Luz (1958), Cintra (1972). Constata-se não se tratar mais de uma forma usada, única e exclusivamente, para evocar o monarca português, conforme as apreciações de Santos Luz (1958), Cintra (1972) e Said Ali (2001). No que diz respeito à contraparte gramaticalizada de *Vossa Mercê* – *Você* –, verifica-se maior produtividade de uso dessa estratégia de referência à segunda pessoa do discurso para estabelecimento de assimetria descendente (94%). Esse tipo de relação assimétrica, a partir da qual *Você* se mostrou com maior aplicabilidade, deixou-se evidenciar nas *cartas particulares* trocadas entre pai e filho, como as cartas de amizade trocadas entre o *Marquês do Lavradio* e seus filhos – *Conde de Tarouca* e o *Conde de Vila Verde* –, conforme se observa de (07) a (09).

7. “Meu querido Filho, e Senhor domeu Coração; Grande hé a consolação, que tenho com as boas novas que Você me dá suas porem dêvোধizer=lhe a verdade, eu menão Livro de cuidado, com quanto Você não vive por mais mezes auzentede Lixboa; [...]” (CARTA..., 1770).
8. “Meu Filho e Senhor domeu Coração: Parece que de proposito se me juntão os negocios de maior trabalho nas ocazioenz, em que dezejo escrever a Você

Largamente, para que eu lhenão possa escrever tão extenço como dezejava: [...]” (CARTA..., 1774b).

9. “Meu Filho e Senhor domeuCoração, o grande gosto, Comque recebo as novaz de Você faz comque Você receba agora esta carta minha, [...]” (CARTA..., 1774c).

A forma pronominal *Tu* é praticamente categórica (92% – 11/12) em cartas particulares – tipo de texto dotado de menor grau de cerimônia –, evidenciando maior proximidade entre remetente e destinatário da carta. Considerou-se como categórica, pois a única ocorrência da forma pronominal *Tu* numa *relação social de inferior para superior* apresentou-se em correferência com a forma nominal de tratamento *Vossa Excelência* como se observa em (10).

10. “[...] ese Vossa Excelência lheescrever sejam cartas que [aspirão] ver o senhor Marques por que cazo elle tenha sahido podeos abrir o d.º S.º tam- bem mediga Vossa Excelência se lhas has de Remeter para Lisboa aquellas que Vossa Excelência for servido mandar mas de baixo de outro sobreescrito [...]” (CARTA..., 1773b).

Na amostra oitocentista, observa-se a presença de *Vossa Mercê*, *Você* e *Tu* somente nas cartas não oficiais em que se identificam *relações sociais entre membros de um mesmo grupo social* – classe alta. O fato de *Vossa Mercê* mostrar-se frequente nesse tipo de relação solidária, como se constata em (11) e (12), evidencia o acelerado processo de *dessemantização* sofrido por tal forma na passagem do século XVIII para o século XIX – 63% para 100% dos dados, respectivamente.

11. “[...] Tive ahonra de beijar a Mao a Sua Alteza Real, no Nome de Vossa Mercê, que aocazião de lha beijar se mostrou não só agradecido, como bem lembrado do quanto estimava. [...]” (CARTA..., 1809).
12. “[...] Acresce mais outra duvida com que agora se lembrou o dito Izedoro Alves que diz que não deve pagar o risco por que vossa mercê motivou oficar em Angola aquella quantia embargada, euepor semelhante razão não seguio o destino quedecarava a Letra, e que não pode haver direito que o obrigue a pagar o que não deve de trinta por Cento [...]” (CARTA..., 1811).

Você e *Tu* assumem, nas cartas não oficiais mantidas entre membros de um mesmo grupo social, um aumento perceptível nas suas frequências de uso – de 6% para 100% (*Você*) e de 92% para 100% (*Tu*) na transição do século XVIII para o século XIX. Essa mudança de comportamento legítima que se considerem tais formas como estratégias de referência à segunda pessoa do discurso, em relações sociais movidas pela *Solidariedade*, conforme se observa de (13) a (16).

13. “[...] Na carta, que ultimamente lhe escrevi participei o arbitrio que tomei de exceder as suas ordens na encomenda da bomba, que você me havia encomendado para colocar nhum Poço Publico, que mandara construir,

- e de presente asseguro-lhe que esta obra está quasi concluida a medida do meo dezejo [...]” (CARTA..., 1837).
14. “[...] Deos queira não haja novidades, e que tanto você e sua familia como todos os nossos amigos estejam em paz com saúde e felicidade [...]” (CARTA..., 1836).
 15. “[...] Se esta quantia te não chegar para os teos arranjos, e passagem, julgo, não será difficultoso pagares a passagem no fim de viagem, quero dizer, nesta Cidade, onde has de achar ordem para tudo. [...]” (CARTA..., 1810).
 16. “[...] Estimei muito saber que fosses approved plenamente Embarços de saúde [↓a] [↑mais] ainda uma vez me fizeram interromper os meus estudos preparatórios. [...]” (CARTA..., 1858).

A forma de tratamento respeitoso *Senhor* mostra-se como a única estratégia recorrente em todos os tipos de relações sociais nos *corpora* em análise com índices de frequência muito próximos entre si. Tal comportamento, como observado anteriormente, deve-se ao fato de essa estratégia se constituir recurso específico nos vocativos que introduzem as missivas.

As formas nominais de tratamento *Vossa Senhoria* e *Vossa Majestade*, como mencionado anteriormente, somente foram identificadas no século XIX. A forma *Vossa Senhoria* apresenta-se com maior frequência de uso nas *relações assimétricas ascendentes* com 22 ocorrências – 54%. Apesar disso, tal estratégia de tratamento também é empregada entre membros de um mesmo grupo social (*classe alta*) – 19 ocorrências (46%). *Vossa Majestade*, por sua vez, se constitui como um recurso específico nas cartas direcionadas ao rei.

Uma vez que se considere – parafraseando Bakhtin e Voloshinov (1973) – a língua como o sensor das transformações sociais, há de se atentar para as repercussões desse rearranjo social nas relações interpessoais, e conseqüentemente, nas formas de tratamento. Mesmo que preliminarmente, em consequência do baixo número de dados, é possível tecer algumas considerações acerca das correlações estabelecidas entre as frequências de uso das formas de tratamento de base nominal e pronominal e o tipo de relação social que esses usos linguísticos refletem. O controle do papel social assumido entre remetentes e destinatários das cartas oficiais e não oficiais produzidas no século XVIII evidenciou uma distribuição em três níveis: de *inferior para superior* (40% – 150/371), de *superior para inferior* (29% – 106/371) e entre *membros de um mesmo grupo social – classe alta* – (31% – 115/371). Considerando que os dois primeiros tipos correspondem a relações assimétricas (*ascendente* e *descendente*), perfaz-se um total de 256 ocorrências (69%), o que permite supor-se, através das *cartas setecentistas* em análise, a configuração de uma organização social orientada pela *semântica do Poder*.

Nas *cartas oitocentistas* em análise, por sua vez, foram identificados apenas dois tipos de relações interpessoais: de *inferior para superior* – assimétrica ascendente – e *entre membros de um mesmo grupo social* (classe alta) – simétrica. Pelo fato de as relações simétricas constituírem-se com o maior índice percentual – 68% – em comparação à frequência das relações assimétricas – 32% –, vislumbra-se a possibilidade de se pensar que as missivas do século XIX parecem denunciar uma organização social calcada na *Solidariedade*. A reflexão acerca da possibilidade de uma orientação mais solidária, na passagem do

século XVIII para o XIX, parece se mostrar em conformidade com o pensamento de Biderman (1972) e com o de Oliveira e Silva (1974) que também previram estar a sociedade brasileira se encaminhando para relações sociais movidas pela *Solidariedade*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estabelecer correspondência entre as formas pronominais e nominais de tratamento e os tipos de relações sociais travadas entre remetente e destinatário das *cartas setecentistas* e *oitocentistas*, é possível tecer, em síntese, as seguintes considerações:

1. Nas *relações sociais assimétricas de inferior para superior*, a forma nominal de tratamento *Vossa Excelência* apresenta-se, nas *cartas setecentistas* e *oitocentistas*, como a fórmula de cortesia ascendente com maior frequência de uso. No século XIX, por sua vez, *Vossa Senhoria* concorre com *Vossa Excelência* em tal relação social movida pela assimetria;
2. Nas *relações sociais assimétricas de superior para inferior*, a forma *Você* mostra-se, no século XVIII, como uma produtiva estratégia de cortesia descendente;
3. Nas *relações sociais simétricas entre membros de um mesmo grupo social (classe alta)*, as formas *Vossa Excelência* e *Vossa Mercê* se manifestam, nos séculos XVIII e XIX, como fórmulas de tratamento concorrentes. Ainda em relação ao período oitocentista, observa-se que, entre iguais, *Vossa Senhoria* compete com as formas *Você*, *Tu* e *Senhor*.

A correspondência estabelecida quantitativamente entre as formas pronominais e nominais de tratamento e os tipos de relações sociais – *de inferior para superior*, *de superior para inferior* e *entre membros de um mesmo grupo social (classe alta)* – identificados na documentação analisada permite supor que as cartas do século XVIII parecem entremostrear uma estruturação social voltada para o *Poder*. Tal suposição encontra respaldo no contexto sócio-histórico do Brasil Colônia em que a corte portuguesa, orientada pela semântica do *Poder*, administra a América Brasileira. Em contrapartida, as cartas do século XIX parecem permitir entrever-se uma organização social movida pela semântica da *Solidariedade* em consonância, pois, com o contexto sócio-histórico do Brasil Imperial.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxism and the philosophy of language*. New York: Academic. 1973.
- BARBOSA, A. G. *Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio*. 1999. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- BIDERMAN, M. T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa*, São Paulo, n. 18/19, p. 339-381, 1972.

- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-449.
- CALLOU, D. M. I. Da história social à história lingüística: o Rio de Janeiro no século XIX. In: ALKMIM, T. M. (Org.). *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 2002. v. III: Novos Estudos, p. 281-292.
- CARTA não oficial do Marquês do Lavradio para o seu filho, Conde de Tarouca. Rio de Janeiro, 17 nov. 1770.
- CARTA não oficial do Marquês do Lavradio ao Intendente da Vila de São Félix, Antônio José de Miranda. Rio de Janeiro, 12 dez. 1772.
- CARTA não oficial do Marquês do Lavradio a João Henrique de Souza. Rio de Janeiro, 26 mar. 1773a.
- CARTA do Ajudante de ordens Raimundo José de Sousa a Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, governador da capitania de São Paulo. Rio de Janeiro, 26 mar. 1773b.
- CARTA oficial do Marquês do Lavradio para Francisco João Roscio. Rio de Janeiro, 15 fev. 1774a.
- CARTA não oficial do Marquês do Lavradio para o seu filho, Conde de Vila Verde. Rio de Janeiro, 6 maio 1774b.
- CARTA não oficial do Marquês do Lavradio para o seu filho, Conde de Tarouca. Rio de Janeiro, 6 maio 1774c.
- CARTA não oficial de Joaquim José de Azevedo para Joaquim José da Costa e Silva. Rio de Janeiro, 16 ago. 1809.
- CARTA não oficial de Martin Francisco Ribeiro de Andrada e Silva para José Bonifácio de Andrada e Silva. Rio de Janeiro, 16 jan. 1810.
- CARTA não oficial de Jozé Luis Alves a Antônio Esteves Costa. Rio de Janeiro, 6 jul. 1811.
- CARTA não oficial de J. F. da C. Miranda para o senador José Martiniano de Alencar. Rio de Janeiro, 18 FEV. 1836.
- CARTA não oficial de J. F. da C. Miranda ao senador José Martiniano de Alencar. Rio de Janeiro, 28 mar. 1837.
- CARTA não oficial de Romualdo Antônio Franco de Sá para o seu irmão Felipe Franco de Sá. Rio de Janeiro, 26 DEZ. 1858.
- CINTRA, L. F. L. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972. (Horizonte 18).
- FARACO, C. A. O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.
- LASS, R. *Historical linguistics and linguistic change*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.
- LOPES, C. R. dos S. Vossa mercê > você e Vuestra merced > usted: o percurso evolutivo ibérico. *Alfa*, São Paulo, v. 14, p. 173-190, 2004.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. *Aspectos sociolingüísticos dos pronomes de tratamento em português e francês*. 1974. Dissertação (Mestrado em Linguística)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.

RUMEU, M. C. de B. *Reflexões acerca da pronominalização de vossa mercê na língua portuguesa*. 2001. 25 p. Monografia (Especialização em História da Língua Portuguesa)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001. Mimeografado.

_____. *Para uma história do português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. rev. e atual. por Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Editora UnB, 2001.

SANTOS LUZ, M. dos. *Fórmulas de tratamento no português arcaico*. Coimbra: Casa do Castelo Editora, 1958.

WARDHAUGH, R. Solidarity and politeness. In: _____. *An introduction to Sociolinguistics*. 3. ed. Oxford: Blackwell textbooks in linguistics, 1997. p. 255-279.

RUMEU, M. C. de B. Relations of *Power* and *Solidarity* in society carioca of the eighteenth and nineteenth. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 115-126, 2011.

Abstract: *This article seeks to discuss the productivity of nominal and pronominal forms of treatment and types of social relations between sender and receiver locked in eighteenth-century and nineteenth-century letters. The focus of this study are the kinds of social relations that seem to constrain the frequency of use of strategies pronominal and nominal treatment in handwritten letters in the colonial and imperial Brazil to the Theory of Power and Solidarity thought by Brown and Gilman (1960).*

Keywords: *pronominal and nominal forms of treatment; social relations symmetric and asymmetric; eighteenth century and nineteenth-century letters.*